

LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA*

FRANCISCO A. FURLAN

Universidade Estadual de Campinas-Pós Graduando em Teoria Literária

O professor da Universidade de Lisboa e também ficcionista Manuel Ferreira é autor de um grande número de obras, das quais a maioria é relativa às literaturas africanas em português. Exemplos destas são: **Aventura crioula**, **No reino de Caliban**, **Bibliografia de literaturas africanas de expressão portuguesa** (em co-autoria com Gerald Moser) e, na ficção, destacam-se **Morabeza**, volume de contos, e o romance **Hora di bai**. Estes, como suas demais narrativas, à exceção de **Grei** e **Voz de Prisão**, são de inspiração caboverdiana, como de resto as classifica o próprio autor, nesta edição brasileira de **Literaturas africanas de expressão portuguesa**.

Trata-se, este livro, de uma apresentação crítica e atualizada das literaturas nacionais de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, através de seus autores, revistas, almanaques, jornais, etc. O autor inicia, a passos largos, antes da própria formação destas literaturas, apontando a influência do fato histórico das navegações portuguesas pelas rotas da África, Ásia, Oceania e Américas na historiografia e literatura de Portugal, influência notável nas obras de grandes autores que registraram o "esforço lusófona" da Renascença. Particularizando para as colônias portuguesas na África, enumera os fatos decisivos para a gênese de suas literaturas, que fica então situada nos anos quarenta do século XIX, conquanto existam textos em português de autores africanos desde o século XVI.

O mais importante da primeira parte do livro é a divisão - segundo Manuel Ferreira fundamental como princípio metodológico e "corte epistemológico essencial" - da produção em língua portuguesa nas terras africanas em: **literatura colonial** e **literaturas africanas de expressão por-**

* De Manuel Ferreira. São Paulo, Ática, 1987.

tuguesa. Esta divisão, naturalmente, não tem estreita correspondência com os períodos colonial e independente dessas nações. O que define a literatura colonial é uma perspectiva eurocêntrica, ou seja, a vinculação do enunciado narrativo ou poético ao homem europeu com a conseqüente marginalização do negro ou, quando muito, com um tratamento paternalista dado a ele. Ao contrário, as literaturas africanas têm quase que exclusivamente o negro como sujeito da enunciação e o universo africano, agora despido da visão folclorista ou exótica, é a verdadeira matéria poética ou ficcional.

Ressalvando, “pela qualidade da escrita”, alguns autores de literatura colonial, Manuel Ferreira relega-se para um outro plano (o plano do interesse de seu estudo como uma base da estética literária colonial), por estar a maior parte das suas obras condenada ao esquecimento, uma vez que as suas condições de produção, já agora e cada vez mais, são inaceitáveis. Com efeito, seu livro trata especialmente das literaturas africanas e ele vai, “em busca de uma taxinomia”, justificar ao mesmo tempo o título do livro e a denominação de sua matéria específica, concluindo, na sua argumentação, ser “literaturas africanas de **expressão** portuguesa” a fórmula mais neutra, a que menos lembra a situação colonial e a menos carregada de problemas de consciência.

A matéria propriamente do livro é organizada segundo várias divisões: uma maior, que separa as produções do século XIX das do século XX - embora esta seja muito mais uma divisão operacional: não é observado um rigor cronológico - e, dentro de cada uma das duas, cinco outras divisões, referentes, evidentemente, às cinco nações africanas lusófonas. A produção do século XX, por serem muito mais numerosos seus autores e obras, é ainda subdividida em gêneros literários.

A literatura de autores africanos, que surge já na segunda metade do século XIX (paralelamente à colonial), caracteriza-a o autor como a do **sentimento nacional**, querendo com isto definir uma literatura na qual, embora não apareça ainda uma perspectiva real e coerente na representação do universo africano e nem uma atitude explícita de combate ao colonialismo, não há exaltação do colono; é uma espécie de antecessora da africanidade. A partir daí, Manuel Ferreira vai apresentando, país a país, as respectivas literaturas, quer pela apresentação dos principais autores e de suas obras publicadas ou não em livros, quer pela notícia de fatos literários (formação de grupos, publicação de antologias, revistas, almanaques, jornais, etc.), enquanto aponta já algumas circunstâncias históricas que concorreram para o início mais ou menos tardio das produções, umas em relação às outras; como também já faz, em alguns casos, um começo de caracterização de cada literatura.

Denominado período da **consciência nacional**, o século XX, compreende de fato aquela literatura caracterizada como de resistência ao (ou de intervenção no) progresso colonialista. Esta é, tal como definiu o autor, a verdadeira literatura africana de expressão portuguesa, que, como ele afirmara no final do capítulo anterior tem, para cada um dos países, datas e fatos histórico-literários irrecusavelmente fundamentados marcando seu início. Salvo pelas subdivisões (África, narrativa, ensaio, teatro, literatura infanto-juvenil - quando há tais gêneros, pois que somente a África é comum às cinco nações - e expressão em crioulo, nos casos de Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe), a apresentação, nos cinco capítulos seguintes, é feita segundo o mesmo modelo do precedente, sendo que agora - dado o fato de ser muito mais significativo o volume da produção - a caracterização de cada literatura isoladamente pode ser completada, bem como podem ser observadas mudanças, ou movimentos, em quase todas elas, com o passar dos anos.

Manuel Ferreira, depois de uma apologia final dessas literaturas que, rapidamente, passaram de um lugar de conformismo com a submissão para o de reconhecimento da literatura como modo de atuação social, fecha o volume com uma bibliografia seletiva (aceitando, como ele diz, "o risco de qualquer omissão discutível ou involuntária") que, posto que seletiva, conta com nada menos de 124 itens. É considerável para um objeto de estudos relativamente novo.